

# OITENTA E NOVE.

## MONITOR REPUBLICANO DO PIAUHY.

SOB A DIRECÇÃO DE—DAVID MOREIRA CALDAS.

Anno II.

Theresina, 7 de Setembro de 1874.

Numero 28.

O Oitenta e nove será publicado 17 vezes, unicamente, durante este segundo anno de sua existencia; custando a assignatura (paga adiantada) 32000 reis, até o fim de dezembro. Numero avulso. . . . . 500 reis.

• PACIENCIA, FIRMEZA E VIGILANCIA. •  
(Gambetta: discurso em Grenoble.)

Edição deste n.º: 435 exemplares.

Toda e qualquer publicação « a pedido » será feita a razão de 80 reis a linha (pagamento á vista) para os assignantes, e de 120 para os que o não forem.  
Autographos devidamente legalizados; não se admitindo testas de ferro nem anonyms.

### OITENTA E NOVE.

Theresina, 4 de Setembro de 1874.

#### Triste figura do sr. Rio Branco.

O Paiz n.º 96 de 11 do passado publicou a interpeção do illustre sr. Silveira Martins, sobre o emprestimo illegal feito ao sr. conde d'Aquila, e as amarellas respostas dadas pelo sr. ministro da fazenda.

Das tramoiias do sr. conde d'Aquila tratamos já em os n.ºs 20, 21 e 22 d'este periodico; agora falaremos do modo porque se houve o sr. Rio Branco, na camara, respondendo ao tribuno rio-grandense.

O ministro da fazenda disse que os factos expostos pelo deputado interpellante—ninguem os lamentava mais que o governo (!?!)—que o encarregado de negocios do Brazil em Londres fizera o emprestimo ao conde por um motivo nobre e louvavel (!!!)—que o emprestimo tivera por fim evitar desgostos e vexames a Sua Alteza (!!!)—que depois de consummada a velhacada (este termo é nosso) elle ministro perguntava o que cumpria fazer ao governo (!!!)—que o encarregado de negocios se achára em uma posição difficil, imperiosa, (!!!)—Fallou depois em questão de cortezia; honra (?) de sua Alteza; indemnisação que tem a receber a Sr.ª D. Januaria dos escravos das fazendas que fazem parte do seu patrimonio (!!!)

Não trouxera o facto a discussão, porque isto seria desagradavel a esses augustos personagens (!!!)

Disse mais que a somma de 14:000 libras esterlinas seria paga pela verba de despesas extraordinarias, e esta que não deixa de o ser—bem—na verdade!

Concluiu o ministro (ao dar a sua primeira resposta) dizendo que a unica accusação (só esta bagatella!) que se lhe poderia fazer era não ter responsabilisado o sr. Andrade, o encarregado de negocios que fizera o emprestimo criminoso !!!

Depois da replica do distinctissimo interpellante, ainda o sr. Rio Branco teve a desgraça de exhibir-se deste modo:

Disse que o governo procura ACAUTELAR (?) os dinheiros publicos (!!!); que não trouxera estes factos ao parlamento para não agravar a situação do principe, e porque se tratava de SEGURAR o pagamento (!!!)

Tambem não publicava os documentos por deferencia (!!!) com os principes e acrescentou logo, mui discretamente, que ninguém gosta de ver a sua vida privada em publico!

—E' uma verdade; principalmente quando se é um velhaco de 1.º ordem; um cavalheiro d'industria; uma gazua viva!

Oh! sr. Rio Branco! TÃO BOM É O LADRÃO COMO O CONSENTIDOR!

Depois de tudo quanto s. exc.ª disse, pode-se em boa fé esperar que o governo fará tudo para que seja paga a divida?

A verdade é que devião estar de grillheta ao pé, como se tivessem realmente arrombado os cofres do estado:

- 1.º O sr. conde d'Aquila.
- 2.º O sr. Pereira de Andrade.
- 3.º O sr. Rio Branco.

#### Fetolatria!

O facto de que vamos tratar obriga-nos a usar de um termo novo, ALFAZEMADO mesmo, que sabe agora á loz; desculpem-nos, entretanto o neologismo; a culpa é d'aquelles que fizeram a apothese d'uma miseravel posta de carne humana, do peso de tres e meio kilogrammos, que teve a desgraça imensa de não nascer viva—para que fosse adorada como um menino Jesus, se não mais ainda!

Veja os nossos leitores o que se passou na corte no dia 28 de julho ultimo, desde as duas e meia horas da madrugada até ás cinco da tarde.

—Que fo midavel lacrimar por causa de um feto!

Só não apparece em scena o autor da obra; só não se falla que tivess sentido profundamente o sr. conde d'Eu! Elle alias, a mulher, e os avós do feto—é que tinham razão de ficar pesarosos pelo não successo de que se trata.

E uma cousa d'estas é eleva-la a QUESTÃO D'ESTADO!

Parece incrível; mas infelizmente é verdade!!! Nesta mais nosa scena, que supponho ter 2 partes tragicas e 18 comicas, representarão cerca de 60 cortezãos, a fora os numerosos comparsas!

E' triste ver tão crescido numero de NOTABILIDADES DO PAIZ—de empenhando o ridiculo papel de carpelleiras junto aos inquisidos restos mortaes da pagaziuha—que ainda se chamou « A Princesa do Grão Pará »—embora não tivesse recebido agua de bapuzo!

E aquillo foi ostentamente conduzido ao convento da Ajuda e lá sepultado em logar sagrado!!

Extaticos, contemplem os leitores uma das infinitas BELEZAS do governo monarchico; admirem esta scena, verdadeiramente pigra, tal como publicou-a o « Paiz » suplemento ao n.º 97.

« PRINCEZA IMPERIAL. S. A. está livre de perigo.  
« A noticia official do nascimento e morte de sua filha é assim concebida:

« Hoje ás 2 1/2 horas da madrugada veio ao mundo, mas, infelizmente sem vida, a Princesa do Grão Pará, cujo nascimento era ansiosamente esperado pelos brasileiros desde a meia noite do dia 26, hora em que começaram os sofrimentos de S. A. a PRINCEZA IMPERIAL.

« Como dissemos hontem, assistiram a augusta PRINCEZA, desde as primeiras horas, os distinctos facultativos barão de Santa Izabel (Dr. Feijó), Ferreira de Abreu e Souza Fontes. O Dr. Saboya foi tambem chamado hontem, á hora adiantada da noite, para auxiliar os medicos assistentes caso fosse necessaria a continuação do emprego dos instrumentos cirurgicos, que reconheceu-se desnecessaria.

« Depois da apresentação feita á corte pelo Dr. Ferreira de Abreu, lavrou-se o auto competente assignado ás 3 horas da madrugada por SS. MM. o IMPERADOR e a IMPERATRIZ, por SS. Ex.ªs. os Srs. conselheiros de estado visconde de Jaguaray (presidente do senado), conselheiro Manoel Francisco Costê (presidente da camara dos deputados), conselheiro de estado visconde do Rio-Branco (presidente do conselho), conselheiro Corrêa de Oliveira (ministro do imperio), conselheiro Duarte de Azevedo (ministro da justiça), conselheiro Ribeiro da Luz (ministro da marinha), conselheiro Costa Pereira (ministro da agricultura), conselheiro de estado visconde de Abaeté, general barão da Itapagipe (camarista), conselheiro barão de Japurá (veador), visconde de Lages (veador), Mayrink (guarda roupa), commendador Cruz Lima (guarda roupa), conselheiro barão de Santa Izabel (medico), conselheiro Dr. Ferreira de Abreu (medico), Dr. Souza Fontes (medico).  
—Levado este acontecimento ás camaras, pelo ministro do imperio, passou-se nellas o seguinte:

« SENADO.—O Sr. presidente lê o seguinte officio:

« Do ministerio do imperio communicando que pelas 2 1/2 horas da madrugada, Sua Alteza a Serenissima Princesa a Sr.ª D. Izabel deu á termo uma princeza que foi extrahida morta depois da cranectomia.

« O Sr. presidente disse que o senado recebe com muito pesar a noticia deste não successo, e dirige ao Todo Poderoso os mais sinceros e ardentes votos pela conservação da saude de Sua Alteza a Princesa Imperial; assim propunha que, em resposta á communicação que acabava

de ser lida, o senado envie uma deputação á augusta presença de Sua Magestade o Imperador para exprimir taes sentimentos e laes votos.

« Não havendo quem fizesse observações, procede-se o sorteo da deputação.

« Foram sorteados para a dita deputação os Srs.: marquez de S. Vicente, Fernandes da Cunha, visconde de Souza Franco, Braga, Silveira da Motta, Jobim, Paranaíba, Camaragibe, marquez de Sapucahy, Diniz, Figueira de Mello, visconde de Abaeté, Jaguaribe e barão de Maroim.

« O Sr. presidente disse que ia-se officiar ao governo, pelo ministerio do imperio, afim de saber-se o dia, hora e logar, em que S. M. o Imperador digna-se de receber a dita deputação.

« CAMARA DOS DEPUTADOS.—O Sr. 1.º secretario, obtendo a palavra pela ordem, leu o seguinte officio:

« Illm. e Exm. Sr.—Cumpre-me comunicar a V. Exc., afim de fazer o sciuto á camara dos Srs. deputados, que hoje pelas 2 1/2 horas da manhã S. A. a Serenissima Princesa Sr.ª D. Izabel deu á luz, á termo, uma princeza que foi extrahida morta, depois da cranectomia.

« Deus guarde a V. Exc.—João Alfredo Corrêa de Oliveira.

« Após esta leitura, os Srs. presidente e Paulino de Souza pronunciaram as seguintes palavras:

« O Sr. presidente:—A camara recebe com muito pesar esta noticia; e sabendo, com grande satisfação, que ficou salva a preciosa vida de S. A. a Princesa Imperial, pela qual dirige ao Todo Poderoso os mais sinceros e ardentes votos, proponho que a camara, em resposta á communicação que acaba de ser lida lera, por meio de uma deputação, á augusta presença de S. M. o Imperador, a expressão de taes sentimentos e de laes votos. (Muitos applausos; muito bem.)

na acta desta sessão, como demonstração dos sentimentos da camara, que acompanha a augusta familia imperial no motivo de pesar que acaba de sobrevir-lhe, (muitos apoiados), como acompanhou-a até hoje na lisonjeira esperança de ter o Brasil na successão do throno um descendente da herdeira presumptiva da corôa (muitos apoiados), a graciosa princeza, cujas virtudes, realçando o esplendor da dynastia, tem attrahido o amor, o respeito e os applausos de todo o povo brasileiro. (Muitos apoiados; muito bem, muito bem.)

« Ambas as propostas são unanimemente approvadas.  
« A deputação a q' se refere a proposta compõe-se dos Srs. Pereira Franco, Evangelista de Araujo, Wilkens de Mattos, Borges Monteiro; Sabral Pinto, Diphino Cintra, Cunha Figueiredo Junior, Florencio de Abreu, Gusmão Lobo, Silva Maia, Escagnolle Taunay, Joaquim Pedro, Duque-Estrada Teixeira, Pinto de Campos, Araujo Góes Junior, Alves dos Santos, Hollanda Cavalcante, Nenezes Prado, Bahia, Teixeira da Rocha, Carlos Peixoto, Heliodoro Silva, Souza Leão, Cardoso Junior.

« Com grande applauso do publico está trabalhando no Rio o eminente tragico Salvini e sua companhia composta de distinctos artistas.

—« O cadaver da filha de S. A. I. a Sr.ª D. Izabel, tendo sido collocado em um caixão de zinco, forrado de cetro e coberto de velludo carmesim, com galão de ouro, foi conduzido no dia 28 ás 5 horas da tarde, em um coche da casa imperial, ao convento da Ajuda, e alli depositado no monumento em que repousam os restos mortaes de S. M. a Imperatriz Maria Leopoldina.

« Acompanharam, em carros dos palacios de S. Christovão e Izabel, os Srs. Barão de Cotegipe, Barão de Nogueira da Gama, Visconde de Lages e Dr. Antonio Martins Pinheiro.

### Transcrições.

(Correio Paulistano.)

S. Paulo, 4 de Agosto.

Temos dito por mais de uma vez que a marcha irregular dos negocios publicos neste paiz tem por causa, reconhecida hoje por todos, o vicioso systema de governo, e só isto.

O governo pessoal está collocado, acima de todas as conveniências populares.

As melhores idéas, as resoluções as mais acertadas, as mais salutaras medidas encontram sempre a terrível barreira do—quero ou não quero—do imperador que é arbitro irresponsavel acima da opinião dos partidos.

Os effeitos prejudiciaes de semelhante organização do governo vão-se fazendo sentir de dia em dia mais pronunciadamente, de modo que o clamor vaes se tornando geral por todo o imperio.

Hoje é factó sabido de todos que as mais urgentes necessidades da época dependem somente da vontade caprichosa do soberano, diante da qual não ha pujança de politica militante que possa triumphar.

Se elle se resolvesse; se entendesse em sua «alta sabedoria» facilitar a verdadeira solução tanto á questão religiosa como á da reforma eleitoral, estariam por certo resolvidos dois graves problemas, e portanto não se temeria mais o resultado maleficio de complicações futuras.

Infelizmente porem, o Imperador não pensa como a maioria do paiz, e por conseguinte tão pessimo estado de cousas ha de prolongar-se até que naturalmente chegue á sua ultima consequencia.

Entretanto, não é por falta de protestos energicos da imprensa que taes males continuam a existir.

Não são somente os republicanos, mas tambem os liberaes e até muitos conservadores que dizem abertamente ao povo ser o governo pessoal a origem das difficuldades que tanto opprimem a liberdade e os direitos do povo.

Para comprovar a nossa asserção transcrevemos abaixo o trecho de um bem elaborado artigo edictorial do *Diario da Bahia* de 15 do passado.

Versa esse artigo sobre a reforma eleitoral, como sobre os motivos poderosos que tem até hoje obstado a sua realisação no paiz.

Sendo como é o *Diario da Bahia* organ liberal, está de perfeito accordo com o que affirmam os republicanos a respeito do governo pessoal, por onde se vê que os adeptos da verdade vão sendo em maior numero, a despeito de todas as seducções da mentira constitucional.

Vejam os nossos leitores que differença se pôde notar entre o que dizem republicanos e o que diz o organ liberal da Bahia:

«... a que se faça a sua vontade? Havera alguma vontade que possa mais do que a sua?»

«Obsta aquella especie de obstinação notada nas altas regiões do poder, a que alludio o sr. barão de Cotegipe; obstinação que se mantém pela omnipotência da corôa, tendo em suas mãos crear e aniquillar situações, organisando e desorganisando a seu talante partidos officiaes subservientes á sua vontade.»

O que está na consciencia publica—é que só o gabinete não quer a eleição directa, e não tem outro intuito a sua conservação do poder, senão impedir o curso da idéa, embaraçar a sua realisação.

Mas, porque não quer o gabinete a eleição directa? Todo o mundo sabe porque; não ha conveniencia que occulte a verdade: lhe é hostil sua magestade o imperador; e a sua vontade, graças aos meios de que dispõe pôde mais do que a da nação, mantida a phantasmagoria do systema representativo que ahí temos a corromper e perverter tudo.

Os ministros não querem o que a nação quer; porque na hora em que quizessem cahiriam do poder, o que prezam mais do que tudo neste mundo; já o disse o distincto parlamentar sr. Ferreira Viana: «sois conservados no poder, porque vos oppondes á eleição directa, e o dia de vossa morte seria aquelle em que mostrasseis querer o que a nação quer.»

Quem tudo pôde é o unico que pôde querer: e é hoje loucura pretender negar ao povo brasileiro a omnipotencia do imperador; quando já não tem reserva em denuncia-la os mais eminentes estadistas das duas escolas politicas.

Affirma o sr. barão de Cotegipe que a vida dos partidos depende da vontade de alguém, que os pôde revesar no poder, independentemente da opinião, e sua affirmativa acha echo no sincero e desinteressado patriotismo do illustre estadista sr. Saraiva que, já antes, muito antes, havia dito que no Brazil o sr. d. Pedro II podia tanto quanto poude em França Napoleão III.

Pôde, porque não é a nação quem escolhe os seus

representantes, os designam os ministros da livre escolha do imperador.

E não estará ahí a causa da obstinação?

A verdade é que, para contrariar a aspiração nacional, o poder se estriba no apoio de sua maioria na camara temporaria, no voto de representantes a quem a nação não escolheu, e que, conforme confessou o sr. barão de Cotegipe *não lhe inspiram a devida confiança*: são mandatarios que se mostram em completo desaccôrdo com o mandante.

Consultae á puridade um por um delles, invocae a expressão de suas consciencias sobre o projecto do governo, e raros haverá que não o condemnem como cousa imprestavel, mas todavia, votam por elle!

Pôde assignalar-se mais tristemente a decadencia de um partido?

E quando é isto assim, quando o servilismo, que invadiu e desbaratou as fileiras conservadoras, abafa todos os estímulos do patriotismo e da dignidade, poderá o illustre sr. barão de Cotegipe contar ainda com o bom senso do partido conservador?

Em quanto o illustre chefe se ergue no senado com toda a energia de suas convicções para condemnar o projecto do governo, seus melhores amigos na camara temporaria porfiam em adhesão ás idéas por elle combatidas; e aqui na provincia a imprensa, que elle proclamou órgão de seu partido, entoa hymnos de gloria ao gabinete, e questiona por algumas promotorias dadas a liberaes!

Basta isto para mostrar a degradação a que tem descido o partido conservador; para que delle não possa esperar mais nada.

Espere o povo brasileiro a redempção só de si, de sua energia moral, de seus esforços, de seu vivo amor a liberdade.

Por nossa parte, contando com estes elementos, não descremos do futuro.

Se não somos, como não cremos sejamos, — um povo de musulmanos, condemnado a apodrecer na indiferença sobre seus mais caros direitos e interesses, ha de soar a hora da liberdade, e com ella a realisação da idéa nacional.

A eleição directa ha de ter seu dia de triumpho.»

### Conferencia de Dr. Xilderico A. de Faria.

(Continuação do n.º 26.)

Meus senhores: Fallando-se de religião de estado e de liberdade religiosa em um paiz como o nosso, não é possível conservarmos-nos, como até agora no pleno dominio da abstracção. Nós habitamos um paiz catholico, e em que a religião catholica é a religião do estado. Fatal cegueira é essa que impelle todas as religiões dos santos dominios da consciencia para os dominios repulsivos da força! Cegueira a que não escapou o Christianismo— a mais santa das religiões!

O Christianismo appareceu no scenario da historia, n'uma epocha em que as velhas theogonias sentiam faltar-lhes sob os pés a base inabalavel da fé. Não fallando nas revelações de Brahma e de Buda, das religiões asiaticas, as religiões do occidente tinham chegado a um estado de verdadeiro descredito. Socrates, Platão e os estoicos tinham entre-visto através do polytheismo grego o principio da unidade, a idéa de uma causa primeira. Já ninguem tinha fé nos deoses. A moral de que a religião era a base, consistia na satisfação das paixões em todos os seus excessos, em gosar da vida em todo o rigor material da expressão, e as torpezas do baixo imperio foram o fructo dessa moral e desta religião (4).

Appareceu então nos espaços a estrella mysteriosa que conduziu os magos ao presepe de Bethlem. O Christo tinha nascido. A Boa-nova resplendeu por entre a caligem do paganismo. Era uma palavraterna, suave e meiga, como nunca a tinham escutado ouvidos pagãos. Era uma cabeça divina, aureolada pelos fogos do Thabor, que a concebia: eram pobres pescadores que a pregavam. E o que pregavam elles? Pregavam a homens sensuaes—a abstinencia e a castidade; pregavam aos grandes do mundo—o abandono dos bens terrenos; pregavam aos ricos—a caridade; aos pobres—a grandeza dos humildes; aos soberanos da força—o imperio da justiça; aos phi-

losophos a unidade de Deus e a immortalidade: ensinavam o perdão das injurias; diziam: «amai-vos uns aos outros», e abriam aos olhos do mundo deslumbrado as portas do reino da luz, da caridade e da fraternidade (5).

E em nome de que principio o apostolo dos gentios pregava aos infieis a palavra da verdade e ia no Areopago annunciar o Deos desconhecido? Em nome de que principio em um paiz onde havia religião de estado iam os apostolos soffrer o martyrio pela cruz? Era em nome da liberdade religiosa! Era em nome dessa santa liberdade que os primeiros christãos, sublimes de dedicação e de martyrio iam celebrar em perigosos conventiculos nas catacumbas as solemnidades do culto que hoje se celebram a luz do sol, sob a salva-guarda das leis.

E a religião christã floreceu. E a religião christã achava echo no coração do povo, porque o povo sympathisava com a coragem da fé, com a pureza da doutrina, com a abnegação do martyrio! Até que um dia Constantino declarou-se christão; um dia a religião que nascera no estabulo sentou-se no throno do imperador; um dia a religião que ensinava a humildade vestio as roupagens do luxo; a religião do amor e da caridade praticou a intolerancia; de perseguida tornou-se perseguidora!

O Christianismo era religião de estado!

—Vós conheceis, meus senhores, os fructos dessa hybrida alliança. Vós vistes como se transformaram em decretos exterminadores as palavras singellas do divino Jesus. Vós ouvistes João Huss, Savonarola, Miguel Servet, Galileo, todos os sabios, todos os homens de pensamento, gemerem sob a manopla de ferro do Imperador e do Pontifice, do Papa e do rei. Vós vistes as paginas do Evangelho transformadas em mórão para accender fogueiras em nome da fé; vistes puxar-se pela espada em nome d'aquelle que disse: «Mette a espada na bainha» (6).

Desviemos os olhos do quadro luctuoso.

Para imaginarmos a que excessos podê chegar a mais santa das religiões quando alliada ao estado, basta recordarmos que só as duas crusadas contra os albigenses fizeram mais victimas entre os protestantes do que 3 seculos de perseguição pagã, do que Nero, Marco-Aurelio &, entre os christãos.

E', meus senhores, que a egreja, como todas as outras religiões, que se dizem, revelladas por Deos, que se julgam depositarias da verdade, não pode

pactuar com o erro, é por sua natureza intolerante: e o estado, por quem é indifferente a verdade ou a mentira, o estado que só procura a justiça, tem por sua propria indole as portas abertas a todas as religiões. E' que a egreja cuja missão é toda divina, espiritual e dogmatica, não pôde alliar-se ao estado, cuja missão é toda humana, terrestre, actual. E' que os dous poderes de pé um em frente do outro, a não viverem em completa e absoluta independencia, tendem sempre a dominar um ao outro; e ou domina a egreja e temos a theocracia que é, como vimos, o governo mais horroroso de que a historia nos falla, ou domina o estado e então a esposa de Christo passa a ser a escrava dos homens. Desde que o estado constitue-se protector de um culto, diz um escriptor, toma posição fora e acima delle; desde que um culto accetta a protecção submete-se.

Mas para que recorrer á historia, quando estamos vendo entre nós as provas do absurdo da alliança da egreja e do estado?

A nossa constituição politica adoptou a religião Catholica-Apostolica-Romana como religião de estado, prometteu proteger e subvencionar o culto catholico. Foi uma especie de contracto, pelo qual o estado immisce-se no governo da egreja pela nomeação dos bispos, pelo provimento aos beneficios ecclesiasticos, pelo *placet* ás bullas e letras apostolicas, pelo recurso de penas espirituaes, pela divisão das dioceses e freguezias, e de mil outras maneiras; e a egreja immisce-se no governo de estado pelo juramento, pela condição de catholicismo imposta a todos que quizerem occupar certos cargos, pelo nascimento, casamento e morte que se tornaram do dominio exclusivo da egreja, pelo casamento sobretudo que é a base da familia e a familia é a base da sociedade.

(5) E' a lei eterna das reacções. «A acção demasiado sensual do imperio romano sobre a consciencia, diz E. Castellar (*Recuerdos de Italia*), trouxe a reacção demasiado espiritualista do Christianismo.»

(6) Esquiros.

(4) Laurent, *Le Christianisme*.

Qual foi a consequencia deste systema, dessa troca de direitos e prerogativas que cada um dos poderes cedeu ao outro? Foi o que estamos vendo; de um lado bispos e padres a quererem pôr obices a acção do poder civil, a invadirem a orbita dos direitos do cidadão, a levantarem no paiz uma cruzada contra os poderes legalmente constituídos; de outro lado, o poder civil invadindo o direito episcopal de infligir censuras e penas ecclesiasticas, o juiz de direito levantando interdictos de irmandades, a policia arrastando bispos á barra dos tribunaes civis, os principes da igreja condemnados á penas de prisão com trabalho! O que estamos vendo, meus senhores, é a anarquia, a perturbação das consciencias, a desordem na familia, o socego fugindo do lar, e quem sabe? talvez lamentaveis conflagrações! Estas consequencias são desastrosas, mas estão na indole do systema que a nossa constituição adoptou.

Só ha um meio de pôr um paradeiro a esse caos moral em que se revolve a sociedade: é proclamar a liberdade da igreja. A igreja precisa ser livre para implantar na terra o dominio do Evangelho; livre em seu culto, em suas ceremonias, na applicação de suas penas, livre na predica, no ensino, nas suas associações, na eleição de seus bispos, na distribuição de suas graças. A igreja, que é a encarnação da palavra divina, deve ser livre como a Divindade (7). Mas a igreja livre vive no estado, que é tambem soberano, livre e independente. Acima d'elle não ha, nem pôde haver poder algum, porque hoje só ha uma soberania—a soberania do povo. E por isso, meus senhores, a formula do conde de Cavour e do grande Montalembert é a synthese mais genuina da unica solução que pôde ter a questão das relações entre a igreja e o estado:—Egreja livre no estado livre.

Catholics do Brazil: vós que lamentaes os transeos porque está passando a esposa de Christo, porque não repellis a alliança aviltante que o estado—esse briarão que vos atrophia—quer conservar com vosco? Pensais por ventura, homens do pouca fe, que a barca de Pedro corra o risco de ir ao fundo no dia em que apagar-se nos mares da opinião o pharel de protecção do estado? Pensais vós que a arvore da fé, que a pureza da crenga, que as pompas do culto, que a sublimidade da moral precisem para viver da seiva que lhes innocula o braço secular? Um dos homens mais christãos do seculo, um dos espiritos que mais serviços tem prestado ao Christianismo nestes ultimos tempos escreveu estas memoraveis palavras: « Nossa religião tem por ventura a luz? Uma grande prova da sua celeste origem é que ella resiste ao mais severo e minucioso exame da razão. Querem por ventura que se nos accuse eternamente de esconder os nossos dogmas em uma noite santa, no receio de que não se lhes descubra a falsidade? O Christianismo será menos verdadeiro quando parecer mais bello? Affastemos este receio pusillanime; por excesso de religião, não deixemos perverer a religião. Não estamos mais no tempo em que se dizia: *Credite e não examineis*. Examinar-se-ha, máo grado nosso, e nosso tímido silencio, augmentando o numero dos incredulos, diminuirá e numero dos fieis » (8).

Deixae que se levante defronte do vosso templo e da vosso pulpito o templo e o pulpito protestante, o pagode chinês, a mesquita de Islam. Deixae que venha o erro sob as suas mil formas ostentar as suas seducções e mais resplandecerá a cruz, mais limpida brotará a verdade ao contacto da luz, como a agulha do rochedo ao contacto da vara magica do Moysés (9).

A alliança natural da Religião, meus senhores, não é o estado; é a liberdade. Ha dous sentimentos que boiam limpidos nos mares do coração, como as estrellas no lago do firmamento; duas aspirações superiores á natureza percível do homem, que fazem no antever um mundo melhor, um mansão de venturas, mas das santas venturas e das castas voluptas do amor e da fraternidade; duas vibrações nas cordas da harpa do coração que parecem langidas por dedos divinos, o que elevam a alma, purificando-a na chamma vivificadora do ideal:—são a tendencia

para a liberdade, e o sentimento religioso. Pois é possível que essas duas sensações que brotam do fundo da alma como dous raios de um só tronco, como dous raios do em um só astro, tenham nascido para viver separadas, possam jámais ser inimigas? Pois a liberdade, signo divino esculpido na fronte do homem, para torná-lo semelhante a Deus, como diz o Genesis, a liberdade, filha dilecta do creador, raio do oihar de Omnipotente, faísca divina, a liberdade que é o ideal e o ideal é Deus, poderá nunca separar-se da Religião, da esposa do Christo, da noiva das misericordias eternas do Inceado?

Damos liberdade á Igreja, meus senhores; façamos mais: demos liberdade a todas as igrejas.

Nós habítamos um paiz immenso; paiz onde a mão do eterno semeador lançou as sementes da mais luxuosa e opulenta prosperidade. A natureza brasileira, esplendida de galas e riquezas é o marmore bruto que só espera a mão do Phidias para transformar-se em estatuas scintillantes de vida. O estatuario é a industria. Venha ella arrancar das entranhas deste solo maravilhoso o pão, a riqueza, o luxo. A industria é o trabalho, mas o trabalho livre, espontaneo, vivificador, unico que nobilita, enriquecendo. Mas faltam-nos braços. Nós estamos na contingencia de ir pedir aos paizes onde a população regorgita e transborda que nos mandem as suas demasias de população.

Nós precisamos de immigração. Nós dizemos ao estrangeiro: « Vem. Aqui ha vastos e feracissimos campos, que para transformarem-se em riquissimos celeiros precisam apenas da boga do suor que goteja da fronte do homem que trabalha. Aqui ha florestas immensas que para transformarem-se em magnificas cidades precisam apenas do golpe do machado e da picareta. Aqui ha um ceo puro, azul, infinito, transparente onde suspiram as aragens profundas do paraizo. Vem: aqui não ha proletarios, por que a terra—a eterna caridosa—nunca negou ao homem que trabalha a esmola do pão. »

Nós dizemos isto. O estrangeiro contempla extasiado o quadro sublime das maravilhas intertropicas; fita o ohar investigador na tela luminosa do nosso firmamento e responde-nos: « Sim. Vosso paiz é um paiz de fadas. A luz, o ceo, o bosque, o rio, a estrella, o passarinho; tudo no Brazil tem ainda aquelle encanto que envolta o universo rime da creação. Lá encontra-se tudo: mas lá o que não fór catholico não encontra Deus. O Deus que eu adoro, o Deus que meus paes me ensinaram a venerar com todas as potencias do meu coração, as orações que minha mãe me ensinava, quando comecei a balbuciar o seu nome, não tem direito de cidade no vosso paiz! » (10)

Isto é doloroso, meus senhores. Os nossos ceos cristalinos são muito vastos para abrangerem e levarem nos pés do Altissimo todas as preces que borbulharem da abundancia do coração.

Que importa que nós lhe digamos que elle aqui pôde adorar a Deus como quizer—em casas para isto destinadas sem forma alguma exterior de templo? Elle nos responderá que o sentimento religioso quer o ar livre, que a oração quer subir aos ceos de envolta com os contornos da levila, como os effluvios da natureza,—sem autorisação da policia; que se o privilegio é sempre odioso, muito mais o é, quando vai ferir os santos melindres do coração e da consciencia.

Meos senhores: a liberdade é a vida:—para a sciencia, para a industria, para o trabalho, para a arte, como para a Religião. Sem a liberdade vós podereis ter uma religião de apparencias; com ella tereis uma religião de consciencia.

Santo Athanasio dizia: « O proprio da religião é persuadir e não constringer. »

Santo Hilario dizia: « Deus não tem precisão de uma homenagem forçada. »

Venha a liberdade para a consciencia, que essa chama divina purifica, mas não incendia. Venha a liberdade dos cultos que o culto catholico—sublimidade de pompas, tornar-se-ha sublime de sentimento!

Minhas senhoras:

Senhores da escola popular:

A religião do Crucificado é sobretudo uma religião de amor. A moral Evangelica resume-se nisto:

(\*) Comprehende-se que aqui não se refere somente ao culto, mas tambem ás consequencias civis da Religião do Estado.

amai-vos uns aos outros. Vós que vos dedicastes á instrucção do povo, e vós a cuja guarda sera de ser confiada a educação das gerações futuras, não sempre aos vossos discipulos e aos vossos fillos o grande principio da tolerancia. Si não me faltasse a idade e a competencia para dizer d'aquí uma palavra que semella um conselho, eu vos diria: não separeis nunca nos corações infantis e nas vozes maternaes lições estas duas idéas que hão de salvar do abismo a nossa patria:—

Religião e Liberdade.

## Bibliographia.

Edições do Sr. Garnier.

O Sr. B. L. Garnier, enviou-nos ultimamente—mais tres obras por elle editadas, e ainda em numero do interessante *Jornal das Familias*.

Fallemos das obras:

I.

« DA TERRA Á LUA ».

É este o titulo de um dos afamados romances scientificos do profundo JULIO VERNE, que acaba de ser vertido para a nossa lingua pelo illustre Sr. Salvador de Mendonça; formando um volume in-8.º, de 237 paginas, cujo preço é de 25000 rs., em brochura.—ou 30000, encadernado.

O nome de JULIO VERNE é por si mesmo uma valiosissima recommendação para o livro, e não menos o do traductor; entretanto, não podemos resistir ao desejo de dizer algumas palavras sobre esta obra, tão singularmente delineada e tão maravilhosamente acabada.

« DA TERRA Á LUA » não é somente um romance geographico e astronomico; é tambem um romance chymico, physico e mechanicco,—MECHANICO, sobre tudo: capaz de inspirar um dia a verdadeiros cyclopes!

O autor dispoz admiravelmente os elementos da sua engenhosa obra; que elle não teria desenvolvido tão habilmente, se por ventura não existisse esse « povo de armadores, de commerciantes, e de mechanicos »—cuja fé, robustecida pela Biblia, é certamente maior que um ceo de gigantes!

« DA TERRA Á LUA », nos dá a conhecer, no principio de seu bello livro,—os gahões, primeiros mechanicos do mundo, são engenheiros como os italianos são musicos e os allemães metaphysicos; não podia pois deixar de escolhel-os, de preferencia, para serem aquelles que ideassem e executassem o desconhecido projecto de fundir um canhão monstruoso, monstruosissimo, que fosse capaz de atirar uma bala á lua,—uma bala do peso de 20 mil libras!

Não faremos um transcripto completo das materias de todo o romance; com tudo, daremos um resumo de certos capitulos,—para que o leitor possa ao menos entrever os gostos que lhe proporcionarão a leitura do livro de que lhe fallamos.

—Durante a guerra federal dos Estados-Unidos, nove club muito influente estabeleceu-se na cidade de Baltimore... o qual foi denominado Gun-Club ou Club-Canhão, destinado a dar grande impulso á balística... Quando um americano tem uma idéa procura outro americano, para compartilha; quando são tres, elegem um presidente e dous secretarios; quatro, nomeam um archvista e a mesa funciona; cinco, reuñem-se em assembléa geral e está concluido o club; assim começou o de que acima se tracta,—mas, apenas contava um mez de formado e já tinha 1833 membros effectivos e 30-575 ditos correspondentes!... Os engenheiros de guerra tomaram proporções colossaes, e os projectos foram, além dos limites permittidos, cortar em duas os passeantes inoffensivos: todas essas invenções deixaram muito atrás os limitados instrumentos da artilharia europea... Um dia entretanto... e por foi assignada... e os membros do Gun-Club, outrora tão animados, agora reduzidos ao silencio... enlevavam-se nos sonhos da artilharia phantastica!

—Foi então que Impey Barbicane, presidente do Gun-Club imaginou fundir um canhão phantastica, capaz de arremessar no projecto ao centro da terra, na distancia de 88-940 leguas, uma bala que se achasse no seu perigo!... Constatou-se que o projecto aos seus conhecimentos; que se realisava extraordinariamente com similitude á da Gun-Club e entusiasticamente por parte do resto dos habitantes dos Estados-Unidos.

O director do observatorio de Cambridge, M. Schchasselt, foi consultado; e, naturalmente, foi favoravel a Barbicane. Logo se abriram as subscrições para fazer toda a obra de

(7) V. Dr. Moraes Sarmento. — Antagonismo entre alguns canoes do concilio de Roma e as liberdades politicas dos brasileiros. — Lisboa — 1872.

(8) Chateaubriand — Genie du Christianisme.

(9) « Quanto a liberdade de cultos tem conservado viva e fé aos catholicos dos paizes protestantes, a intolerancia tem extinguido e lá onde parecia mais viva e mais estizada. » (E. Castelner Obv. cit.)

pezas que serão necessarias. Depois discutia com os collegas: 1.º sobre a bala, — 2.º sobre o canhão, — 3.º sobre a pólvora, — e as como deverião ser, de modo a se poder realisar o projecto com o melhor exito possível.

O producto das subscrições subio a mais de 40.800 contos de nossa moeda; quasi todas as nações civilisadas contribuirão para formal-o.

A festa da fundição é um dos mais bellos capitulos da obra; os 1:200 fornos fazendo correr os seus rios de ferro derretido—offerecem á imaginação um espectáculo magnifico!

Depois de prompto o canhão, de 900 pés de extensão.—apparece um bizarro francez que propõe-se a partir dentro da bala, de 20.000 libras. Barbicane, a principio, estranha esta proposição, — mas acaba por admitir a sua possibilidade. Descoberto o meio de evitar a repercussão, o projectil é modificado; de um modo summamente curioso, com todos os visos de um problema mechanic, satisfactoriamente resolvido.

O «vagão projectil» é um capitulo soberbo; bem como os que se lhe seguem, até ao fim. Preferimos nada dizer aqui, sobre elles; pois que—mutilados—perderião a maior parte do grande effeito que queremos guardar intacto para que o leitor o sinta, todo inteiro, como nós—ainda ha pouco.

NOTICIAS.

SATISFAÇÃO.—Quando recebemos o ultimo n.º da Opinião Conservadora já estavam acompanhadas duas partes de nossa folha e feita a composição de quasi todo o restante; por este motivo deixamos de dar resposta, neste numero, ao 1.º artigo editorial do jornal official; o que faremos brevemente.

Damos ao collega esta satisfação.

ELEIÇÃO DIRECTA.—Em favor d'esta aspiração nacional, houve na capital da Bahia, a 4 do passado, um importante meeting; no qual deliberou-se que o povo se dirigisse ao governo por meio de uma representação, pedindo aquelle systema eleitoral.

Tambem em Pernambuco promovêra-se uma representação a assembléa legislativa, em sentido identico.

REMESSAS E AGRADECIMENTO.—Accusamos o recebimento das seguintes obras e publicações periodicas: —NUNES MACHADO, ensaio dramatico pelo sr. dr. Aprijo Guimarães.

- LUX, publicação scientifica do Instituto Vagn... edição de 1890, do sr. Garnier.
—VINT MIL LEGUAS SUBMARINAS: idem, idem.
—NOSSA SENHORA DE LOURDES, de monseñor de Ségur; edição portugueza, do sr. Garnier.
—DISCURSO DO SR. SENADOR LEUZ ANTONIO VIEIRA DA SILVA, pronunciado na sessão de 13 de junho ultimo.
—RELATORIO APRESENTADO A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA, desta provincia, pelo ex.º sr. dr. Adolpho Lomenha Luis.
—LIBERDADE RELIGIOSA, conferencia pelo dr. Childerico Arraiza de Faria.
—FLORES E AMORES, poesias de Theophilo Odorico Dias de Mesquita.
—BIBLIOTHECA DAS FAMILIAS, publicação mensal, fluminense, contendo romances &c.
—REVISTA DO CONGRESSO LITTERARIO, publicação mensal, feita em Pernambuco.
—OS MYSTERIOS DO RIO DE JANEIRO: 4.º caderneta do 1.º vol.
—A IDEIA, 1.º numero, impresso no Rio de Janeiro: trata de sciencias e letras.
—A LUX, revista scientific e litteraria, publicação quinzenal, feita em Campos, sob os auspicios da Sociedade Brasileira de Beneficencia.
—Paulatinamente, a medida que nos for sendo possível, iremos emitindo nossa humilde opinião sobre esses escriptos; por agora cumpre-nos agradecer aos seus autores, ou aos seus editores, a remessa dos exemplares com que se dignarão obsequiar-nos.

AOS SENHORES REVISORES.—Esta classe de «operarios» deve pretender, aqui no Brazil, ser mais bem paga do que não é; mas, por outro lado, precisa tambem que se faça pozdr da sua distracção, ignorancia ou myopia: elles deixão escapar erros de similhante natureza, em livros e jornaes:

- Nossa Senhora de Londres em vez de N. S. de Lourdes (veja-se o Paiz n.º 99.)
—Disco do sol, em vez de disco do sol (Vinte mil leguas submarinas, traducção de Fortunio, principalmente a pagina 40.)
—Cidade da Conceição, em vez de cidade da Constituição (Paiz n.º 100, referindo-se a uma noticia, dada pelo Piracicaba.)
—Coronel Raimundo Antonio Rodrigues e major Alexandre Belmonte de Queiroz; em vez de—coronel Raimundo Antonio Borges e major Alexandre Belmonte de Carvalho (Jornal da Bahia de 2 de julho,—noticias do Piahy.)
—Lembramo-nos sempre do erro dado pelo illustre sr. senador Pompéo.—a proposição dos erros typographicos da terceira edição do seu compendio de geographia: «Parece não ter tido revisor»!

FALLECIMENTO E LIBERDADE.—Lê-se no Ardense de 26 de julho p. passado:
—Falleceu no dia 17 do corrente na villa de S. José dos Barreiros o abastado fazendeiro Fortunato Pereira Leite, com a idade de 90 annos.
—Em seu testamento deu liberdade sem condição alguma aos 163 escravos que possuia, legando aos mesmos 60 alqueires de terras e 60 mil pés de café.
—Nomeou para seus testamentarios 1.º o dr. Manoel José da Silva, e 2.º o sr. major Antonio Pereira Barreto.

RELAÇÕES NOVAS.—No dia 1.º de maio ultimo, forão installadas as novas relações de Cuyabá e Goyaz.

CORREIO.—E' extraordinario o desleixo que ha nesta repartição. Consta-nos que o sr. major Jeronias Mello, alli empregado, tem se esforçado bastante para diminuir o mal; dando elle proprio rigorosa busca atrás das cartas e jornaes naufragados no cachepo ou talvez cachepos alli existentes! Entre os salvados, devido a philantropia do referido major, contou-se no dia 27 do passado—vários numeros do Papyro, um periodico-cosinho litterario existente nesta cidade.

Como não ser assim, se n'aquella repartição existe um empregado que ignorava até bem poucos dias qual era a capital do imperio?!? Ouvimos-lhes um disparate neste sentido: fomos testemunha de tão monstruosa ignorancia.....

UMA ANEXAÇÃO INGLEZA.—Lê-se no Diario da Bahia, de 19 de junho ultimo:

Devemos lembrar-nos que as gazetas nos annunciarão ha tempos o offerecimento feito ao consul inglez pelo rei das Fidji, para collocar aquellas ilhas sob o dominio da nação britannica.

Trataremos agora d'este assumpto, por isso que o negocio se apresenta como sendo de verdadeira importancia.

A Polynesia, de que fazem parte as ilhas Fidji, emprega-se, como se empregava a Africa, na odiosa industria do trafico de escravos.

Correndo de ilha em ilha, os roubadores de gente apanhão por meio de laços os indigenas, levão-nos á viva forza, ou comprão-nos aos pequenos chefes, avidos e corrompidos, por alguma pequena quantia, ou por algumas garrafas de aguardente.

E' assim que vão vender depois carregamentos humanos, e realisão valiosos interesses, por isso que de ordinario lhes custão pouco, além das despesas de viagem.

Ora, as ilhas Fidji são um dos centros d'esse trafico barbaresco que a Grã-Bretanha tomou a seu cargo fazer desaparecer da superficie do globo.

Effectivamente, estavão estabelecidos naquelle archipelago homens da nossa raça, inglezes, americanos e allemanes, pouco escrupulosos sobre os meios de se enriquecerem: era entre elles que se recrutava uma parte dos negreiros da Polynesia.

A parte sensata da colonia européa não cessava de protestar contra aquelles attentados condemnados pelos povos civilisados; aspirava a formar no archipelago uma colonia séria, que se desenvolvesse pelo trabalho honesto e licito, e comprehendeu de ha muito tempo que nada poderia conseguir sem se collocar sob a protecção britannica.

Estas tendencias, vivamente combatidas pelos aventureiros que interessavam viver fóra de tudo quanto fosse fiscalisação, erão igualmente repellidos pelos indigenas, desejosos de conservar a sua independencia.

Mas aquelles pobres habitantes da Oceania são tambem explorados por todos os modos pelos brancos, que se tem tornado senhores d'elles; mas graças á propagação dos colonos partidarios da annexação, aos esforços dos missionarios, e aos dos agentes das sociedades abolicionistas, chegarão a conseguir proteger os fracos contra os fortes, e a garantir a cada um d'elles a sua segurança.

O rei Caecaban solicitou pois o protectorado ou a annexação. Esta tinha sido reclamada por muitos annos pelos missionarios, e pelos abolicionistas inglezes, ainda no anno passado, e Mr. Mac-Arthur tinha apresentado uma moção n'este sentido. Mr. Gladstone rejeitou-a, não querendo usar da violencia contra os hostis aquelle projecto.

LAGOA DE PARNAGUA.—Eis o resultado das informações, que em o n.º 26 desta folha dissemos ter pedido, a respeito da lagoa de Parnagua.

Em data de 11 do passado, escreve-nos nestes termos o sr. dr. José Lustosa de Souza.

Recibi sua presada carta hoje, e passo a responder-lhe agora mesmo, visto estar de saúde o correio, por isso é feita com muita pressa, deixando de ser satisfactoriamente respondida, pelo que lhe peço desculpa. A sua carta é de 18 do p. passado mez.

A causa principal do crescimento da lagoa de Parnagua, que data de 1867 para cá, foi o grande entulho de areia que fez o rio Fundo, na sua confluencia com o Parahim, no lugar—Timbós, alterando em suas cheias todo o leito do Parahim, d'ahi para cima até a lagoa, e d'ahi para baixo até as Trahiras.

A vista desse facto, não podendo elle correr mais no seu antigo leito, alagava todos os terrenos baixos das fazendas—Buriti, Trahiras e Brejinho ou Cana-brava, secundado pelo rio Fundo, que tambem abandonou o seu leito, para se esparramar pelos ditos terrenos, unido a pequenas lagoas, que por ali existião, formadas pelas aguas pluvias. O Parahim despejando sempre as suas enchentes na lagoa, não tendo a saída conveniente, por não haver canal e nem poder fazer-lo, por que o terreno está todo nivelado, pelos caprizes do rio Fundo, foi ella rapidamente crescendo, não só para cima e para os lados, como para baixo, occupando grande parte dos melhores terrenos das fazendas—Carral, das eguas, Pirantulas, Jacaré, Pedrinhas, e mais principalmente—Buriti, Trahiras, Brejinho e os terrenos desta villa até os Timbós.

No anno passado o rio Fundo, despresando os lugares por onde corria, partiu direito para a lagoa, rompendo uma grande malta, perto de São Manoel, na distancia de um quarto de legoa, destruindo-a completamente, e veio despejar na ponta de baixo da lagoa, em um lugar que antigamente era uma varzea, denominada dos—Canudos, perto de uma pequena lagoa que tambem ali existia antigamente, chamada do—Carvalho. D'ahi para cá, ella tem crescido consideravelmente, não obstante muitas opinarem, que ella vai decrescer pela grande quantidade de areia, que o dito rio tira-lhe dentro. Eu penso o contrario.

A fazenda Trahiras, está quasi inutilizada para a creação, por que as aguas não decrescem, quasi nada. Desta villa aos Timbós e grande parte de Buriti, vai acontecendo o mesmo do anno passado para cá.

Com todo o crescimento da lagoa, as suas duas ilhas principaes não desaparecerão, apenas diminuirão em tamanho, observando-lhe que a ilha grande, que fica na ponta de cima, não era uma ilha e sim uma península, que vinha unir a terra firme, por um estreito istmo, do lado desta villa, d'aqui distante mais de legoa; hoje, porém é ilha e tão longe fica de terra firme, que muito mal se distingue o vulto de uma pessoa, que lá esteja, tendo ficado submergido o istmo e 2 ilhotas, que pouco distavão da grande.

Na Trahiras existe uma ilha, e não muito pequena, não obstante só a ter visto de longe, e é coberta de arvores altas. Ilha nenhuma tem sido formada por essa inundação, a não ser algumas pequenas cordas humidas.

A estrada que hoje vai para o Corrente margem a lagoa, duas e meia leguas, e com as enchentes tem sido mudada tres vezes, sempre para mais perto da serra, aumentando a distancia em mais de legoa. Durante o inverno a viagem d'aqui para o Corrente é muito penosa, devido as alagações do Parahim, nos lugares—Arabia e Fazenda do Meio, que ficão na foz do rio na lagoa; mas durante a secca é o que fica dito.

Pela outra estrada, isto é, pelos Timbós, é um tanto mais longe; sendo preciso passar alli em canoas e os animaes a nado. Em 1860 a distancia desta villa ao Buriti era de 3 quartos de legoa, e hia-se a pé encluto, tendo de pernoite, apenas o estreito canal do rio, que se passava em uma pinguela, hoje, porém tudo é lago profundo, e a distancia ao Buriti é do duas e meia leguas.

No inverno esta distancia augmenta, e vezes ha que torna-se impraticavel e a melhor estrada é atravessar a lagoa em canoas para São Manoel ou Pedrinhas.

Aqui faço ponto, porque não tenho tempo para mais, e peço-lhe que me desculpe não o ter satisfeito, como desejava.

DISCURSO.—A Opinião Conservadora, n.º 30, publicou o notavel discurso do illustre sr. dr. Epiphany de Britencourt, do qual já demos noticia em o numero passado d'este periodico. Para nós essa peça de eloquencia—tem um grande defeito: contém demasiado incenso, e faz lembrar que os lexicographos necessitão crear mais—este vocabulo: anthropopatria.

CONTENDA.—Deverá haver-se entre São Paulo e Santo Pedro d'Alcantara, por causa do nome imposto a colonia agricola que está sendo fundada pelo Sr. Dr. Parentes?

O santo que já está no céu perderia o pleito em quasi quer tribunal que se apresentasse, tratando dos «seus di. etos»; elle que se contente pois com a honra de ser cheirapim ou homonymo d'el-rei nosso senhor, e mais ainda com o piedoso engano em que se possa inventar as ignorantes bestas, ameisissimas de todos os santos da corte do céu!

O logradouro, por sua propria dignidade, nada revelará as suas boas devotas, e então supprê-la rá enapando de snakiro muito INFLUENTE até mesmo na corte do terra?

Oh! se fossemos a victima! Haviamos de dizer alto a honra, que na chrisma da Oça tinha havido patifaria!...

Por desquite, lemburiamos aos que nos ouvirsem que—em vez de São Pedro d'Alcantara chamassem a colonia «Oxá COROADA».

ENGAZOPOÇÃO REGIA.—A Provincia de Pernambuco, de 6 do passado, publicou sob aquella epigrapha, o caso singular de ter S. M. o imperador acreditado que um simples sargento era na verdade um asexual, como se intitulava o impostor!

A Reforma do Rio de 25 de julho; o Correio da Bahia de 31 do dito mez; o Paiz supplemento ao n.º 97, e outras folhas mais, tem tratado do inaudito facto; que não se ponha pois em duvida o gracioso engano de sua magestade!...

Franzini (o tal sargento fuzrio) chegando ao Rio de Janeiro, ha algum tempo, apresentava cartas de recommendação do calabrez conde d'Aquila; tanto bastou para que o tratado fosse considerado quasi como um «semi-Deus»!

Entretanto, que muitos dos necios mortaes acreditassem na patranha, não é lá isso grande coisa, para que seja admirado; mas que o proprio São Pedro d'Alcantara cá da terra—se houvesse illudido como qualquer pobre roceiro... isso é que é na verdade para fazer a gente perder a tramontana.

FALLECIMENTO.—No dia 4 do passado, neste termo, falleceu o major Domiciano Alves de Carvalho. Informão-nos que nasceu elle em 20 de dezembro de 1790. Envia-mos nossos pesames a todos de sua Ex.ª Familia; desejando, depois disso, um lugar de eterna bemaventurança a alma do illustre finado.

ULTIMA HORA.

Achamos de saber que falleceu na cidade de Oeiras, no dia 1.º do corrente, o sr. coronel Coriulina Cesar Burlamaqui, presidente da assembléa provincial. Envia-mos os nossos pesames á ex.ª familia e mais parentes do illustre finado, que nos dizem contava apenas 43 annos de idade.

Fazemos votos para que sua alma seja bem acolhida na mansão celeste.

Edital.

O capitão Sinfonio Olimpio de Moraes, Procurador Fiscal interino do Thesouro desta provincia &c.

Faz saber que acha se nesta secção, remettida com Portaria do Sr. Inspector datado de 14 do corrente sob n.º 1, as relações dos devedores que deixarão de pagar seus debitos provenientes dos impostos de ljas, escriptorios de advogados, cartorios, palarias, escravos artistas e ganhadores, decimas urbanas, tavernas, engenhos, e das casas em que se vendem fazendas secas, malhados, ferragens e miud-zas, bem como dos que se achão a d-aver o imposto de 40 por cento n'aguardente, lançados pela collectoria desta capital no anno financeiro de 1873 a 1874 a fim de proceder executivamente contra taes devedores na forma da lei se dentro de 30 dias contados desta data não vierem ou mandarem satisfazer os referidos debitos, e para que não se chamem a ignorancia, será este publicado em todos os dias utris deste mez, pelas ruas e praças desta cidade, bem como pelos jornaes. Secção do Contencioso do Thesouro Provincial em Theresina 18 de Agosto de 1874.

Sinfonio Olimpio de Moraes.